

**Rodrigo Pacheco**, Diretor de Previdência da Evertec Brasil

O setor de previdência entra em 2026 em um cenário ao mesmo tempo promissor e desafiador. Nunca o setor operou sob tanta pressão simultânea: uma população que envelhece em ritmo acelerado, uma exigência crescente por experiências digitais imediatas, uma agenda regulatória que se mantém intensa e um salto tecnológico que redefine padrões de eficiência operacional. Para as instituições, isso significa uma única certeza: quem não acelerar agora corre o risco de ficar de fora da rota estratégica dos próximos anos.

Esse cenário se materializa nos números. Segundo dados da Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (Fenaprevi), a previdência aberta deve encerrar 2025 com certa de 11 milhões de participantes e R$ 1,7 trilhão em reservas. No universo da previdência fechada, dados da Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar (Abrapp) indicam que os ativos administrados já superam R$ 1,3 trilhão, com aproximadamente 4 milhões de participantes, entre ativos e assistidos. Isso, mesmo em meio ao avanço contínuo da consolidação entre entidades, uma tendência que deve continuar nos próximos anos.

Quando somamos esse movimento ao envelhecimento populacional projetado pelo IBGE, que estima que o Brasil terá mais idosos do que crianças já em 2031, e ao recorrente questionamento da capacidade do regime público (INSS) sustentar sozinho a renda futura, é esperado que a previdência deixe de ser uma alternativa e passe a ocupar o centro das prioridades nacionais de longo prazo.

**Consolidação e oportunidades tecnológicas**

Um dos movimentos estruturais mais relevantes segue sendo a consolidação e a consequente redução do número de entidades de previdência fechada. O número de fundos de pensão vem caindo desde o início do século no Brasil, inicialmente impulsionado por fusões e incorporações empresariais. Hoje, esse processo é acelerado pela busca por especialização e escalabilidade. O país conta aproximadamente com 265 EFPCs (Entidades Fechadas de Previdência Complementar) ativas, um patamar significativamente menor do que há duas décadas. Ao mesmo tempo, cresce a profissionalização e a complexidade administrativa das entidades remanescentes.

Nesse ambiente de transformação, o que sustenta esse movimento está nos bastidores e envolve tecnologia. A necessidade de implantações mais ágeis, a adaptação constante a novos padrões regulatórios, a crescente exigência por experiências digitais capazes de atrair novos planos e plataformas cada vez mais eficientes fazem de 2026 um ano de inflexão estratégica para o setor.

A tecnologia assume um papel decisivo porque redefine a lógica operacional da previdência. Processos que antes dependiam de etapas manuais passam a operar com automação integral, reduzindo custos e aumentando a precisão. A conformidade regulatória se torna contínua, com monitoramento em tempo real e menor risco. A consolidação e o uso inteligente de dados permitem maior personalização de produtos, antecipação de riscos e decisões mais rápidas e embasadas.

Por fim, temos a inteligência artificial que desponta como um território ainda a ser imensamente explorado. Se antes a busca pelas instituições era majoritariamente o aumento de produtividade de seus colaboradores, já há avanços em iniciativas diretamente ligadas à gestão previdenciária, ao

relacionamento com o participante e à tomada de decisão estratégica.

O Brasil já tem um dos mercados de previdência mais robustos do mundo. Agora caminha também para ser um dos mais modernos. A previdência nunca foi tão necessária e, finalmente, se torna também contemporânea.

(11.03.2026)